

ILHAS DE MEMÓRIA

ISLANDS OF MEMORY

Edson Luiz André de Sousa

*“El recuerdo de este viaje, mis palabras sobre el recuerdo,
siempre serán insuficientes para lo que fue”.*

*Cuaderno de Faros,
Jazmina Barrera*

Algumas mulheres se abraçam com força. Estão todas tristes, com olhos de angústia e desespero. Esse encontro de corpos é tão profundo que temos a sensação de estar diante de um só corpo. Elas se diluem uma na outra, formando uma massa compacta, escura. Algumas estão com os olhos fechados, outras olham para um longe indeterminado. Vemos três crianças misturadas nessa imagem compacta do abraço. O detalhe ilumina o que vemos: são mães. Tentam proteger os filhos de algum perigo. Eles estão assustados. O que aqui descrevo é uma pequena xilogravura de Kathe Kollwitz, intitulada *Guerra*. Foi feita em 1922. A forma circular dessa imagem me fez imediatamente pensar em uma ilha, como se elas se abraçassem para não naufragar. Tentam manter na superfície espaços de terra e de vida ameaçados. Como também fez a artista Regina José Galindo na performance *Tierra*, em que resiste à fúria de uma retroescavadeira, que vai abrindo buracos em torno do seu corpo nu. Ela enfrenta a máquina de ferro com sua presença, e, assim, preserva uma pequena extensão de



terra dessa violência. Sua presença inaugura uma pequena ilha. Galindo denuncia com esse trabalho a violência de Estado na Guatemala contra os povos indígenas.

Quero agora falar de outra ilha: a Ilha das Pedras Brancas, também conhecida como Ilha do Presídio no Rio Guaíba em Porto Alegre. Sempre penso nela como um abraço de náufragos, que, com determinação, souberam encontrar estratégias de resistência para não se afogar. Ali funcionou durante a ditadura civil-militar uma prisão de presos políticos. Muitas histórias ainda aguardam lugar de pouso por sobre as grandes pedras brancas que circundam a ilha. Palavras que precisam sempre e sempre serem recolhidas para que uma *educação pela pedra* possa enfim cumprir sua função de transmissão. A primeira vez que estive na ilha foi em 2013 durante a 9ª Bienal do Mercosul. Naquela edição da Bienal, vários passeios foram organizados para a visita na Ilha, como forma de abrir novas narrativas e memórias nas ruínas e nas cinzas da história.

A ilha é relativamente pequena, irregular, e a primeira impressão que tive naquela primeira visita foi a de um grande labirinto. Um prédio em ruínas ocupando a parte central da ilha e, em suas bordas, pequenos caminhos e trilhas entre pedras e uma vegetação exuberante. A ilha fica a 2,5 km de Porto Alegre e foi desativada em 1983. A história da ilha e dos destinos de sua função datam de muito antes. Desde 1860, funcionava como depósito de pólvora, abandonado em 1930. Depois, foi ocupada como local para produção de vacinas contra a peste suína. No final dos anos 50, foi redesenhada para funcionar como presídio e, nos anos 70, como prisão política. Lembro-me do quanto fiquei impactado com essa primeira experiência e principalmente por saber tão pouco sobre todas essas histórias. Na época, comecei a redigir um pequeno



texto, que não passou de um parágrafo, para narrar a visita. Essas vivências nos produzem ao mesmo tempo uma sensação de dor e dever de memória. Quantas histórias aquelas paredes não guardam? A beleza da paisagem, o pôr do sol do Guaíba, a amplidão de azul do céu, as noites frias e silenciosas, as histórias de tortura dos presos que ali estavam, as violências cotidianas a que eram submetidos, o medo, a incerteza quanto ao futuro naqueles anos de sombra da ditadura no Brasil.

Uma inquietude me acompanha desde aquela primeira visita, e volta e meia pensava sobre o que seria preciso fazer para que aquele espaço pudesse ser integrado na história e na arquitetura da cidade, como um Memorial. Esse é um projeto ainda por vir e revivo essa inquietude agora, escrevendo novamente sobre a ilha.

Em setembro de 2022, voltei ao local em outra condição de memória e informação. Organizamos, com um grupo de colegas, um passeio dentro de uma proposta de trabalho vinculada ao Museu das Memórias (in)possíveis da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). Este museu virtual, coordenado por Maira Brum Rieck e por mim, tem justamente a função de fazer registros de memórias que ainda buscam um espaço de inscrição. Reunimos um grupo de amigas e amigos para juntos abriremos uma fresta no véu de tantos silêncios da história de nosso país. Não que os acontecimentos não sejam conhecidos. Eles o são, mas parecem que muito rapidamente são também esquecidos, apagados, rasurados como nos mostra com clareza o trabalho da artista Mona Hatoum (*Self erasing drawing*) *Desenho de auto-apagamento*.

Éramos em torno de 25 pessoas. Domingo pleno de sol, céu azul profundo, o Guaíba sereno. Tínhamos três presenças especiais que fizeram toda a diferença na viagem. Paulo de Tarso Carneiro



e Raul Pont, que estiveram presos na ilha nos anos 70, e a artista Manoela Cavalinho, que tem feito um trabalho fundamental sobre as marcas de memória da ditadura militar no Brasil. Teríamos todos a chance, nesse passeio, de escutar de perto e de dentro das ruínas do presídio alguns relatos de Paulo e Raul, além de acompanhar o trabalho da série *Epigramas*, que Manoela iria fazer na ilha. Esse trabalho consiste em breves registros, com letras autocolantes, sobre locais que guardam alguma história do período da ditadura militar.

Os registros de Manoela são delicados, efêmeros e parecem dar forma ao impasse que sofre a memória quando busca um lugar de inscrição, pois facilmente se apagam. Sabemos bem o quanto as situações traumáticas oscilam entre a dificuldade de lembrar e a impossibilidade de esquecer. A memória tenta sempre abrir uma brecha nesses blocos monolíticos da fúria dos apagamentos. Esse é um trabalho que precisa ser realimentado e nem sempre tem êxito, pois muitas vezes a sombra do esquecimento contamina a história. O Brasil padece muito neste campo de uma política de memória. É um país que carece muito de memoriais.

Em um domingo de sol pleno e azul profundo, em setembro de 2022, embarcamos na Ponta do Gasômetro em nosso memorial flutuante. A luz do dia entrava como frestas vivas de memória nos monólitos do esquecimento sempre rondando os registros de história como no trabalho do artista catalão Francesc Torres, de 1991, intitulado *Amnésia-Memória*, no qual ele expõe a imagem de 13 pessoas que resistiriam ao fascismo franquista e que foram assassinadas, sendo que algumas seguem ainda desaparecidas. Diante das imagens, Torres dispõe em letras de grande formato a palavra *amnésia* e uma projeção; desta vez, com letras de luz, a



palavra *memória*. A amnésia em letras sólidas, ferozes, ocupando espaço: duras, ásperas, imponentes, duradouras. A memória surge ali como espaço sutil de luz.

Nosso barco em direção à ilha era, portanto, nosso ponto de luz. O trajeto durou em torno de uma hora e, neste tempo, Paulo e Raul iam narrando as experiências do tempo em que ficaram presos. Por vezes, a voz embargada, nossos olhos atentos e por vezes líquidos, reagiam às histórias que compartilhavam conosco: a circunstância de cada prisão, as estratégias de resistência para sobreviver psicologicamente naquele lugar inóspito, isolado, frio no inverno e excessivamente quente no verão, a solidariedade, a biblioteca clandestina, o futebol improvisado em uma laje em ruínas, os relatos de tortura, as ameaças que ouviam, as visitas no domingo e a lógica de compartilhamento que instituíram com tudo que recebiam dos visitantes.

A ilha se aproximava imponente e, agora, vestida com todas essas memórias, o lugar era outro. Estávamos desembarcando em um espaço carregado de histórias, e as ruínas do prédio feriam ainda mais nossa memória. A urgência de construir neste lugar um memorial se fez ainda mais imperativa para todos os que estavam ali presentes. A ditadura no Brasil deixou muitas feridas abertas em nossa história e vamos precisar instituir uma política de memória ampla para recuperar e dar forma a muitas histórias de violência que ainda estão na sombra. A arte e a literatura, sabemos bem, têm uma função fundamental nesse processo, pois sempre encontram formas inéditas de registro.

Manoela Cavalinho põe o pé na ilha impregnada dessas histórias no corpo e tantas outras que ela vem recolhendo estes anos todos com seu trabalho artístico. Nosso memorial, neste dia,



estava em suas mãos. Ela toma a ilha como página viva da história e vai fazendo seus registros dos epigramas em alguns lugares, redesenhando uma cartografia de memória: o banho de sol, o futebol, a Avenida Liberdade e, na plataforma precária de madeira na qual saímos do barco, registra um dos relatos que ouviu: “Síndrome do motor de lancha. Atiravam no que se movesse durante a noite”.

Um dos registros que mais me emocionaram foi o que fez na parede da cela que funcionou como espaço de biblioteca dos presos. Ali, junto com o olhar também comovido de Paulo de Tarso e Raul Pont, ela registra na parede com as pequenas letras autocolantes os três livros mais lidos por todos: *Revolução dos Bichos* e *1984*, ambos de George Orwell, e *Trópico de Câncer*, de Henry Miller.

A ilha com a intervenção artística de Manoela Cavalinho se tornou a partir daquela manhã um livro vivo, à espera ainda de seus leitores, que precisarão encontrar essas e tantas outras bibliotecas clandestinas que ainda estão na sombra em nosso país. É um dever de memória ir buscar esses textos vivos que ainda procuram desesperadamente um lugar de inscrição na história. Será que conseguiremos fazer deste lugar tão fundamental para nossa história um memorial?

Edson Luiz André de Sousa é professor do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS. Analista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Autor de, entre outros livros, *Furos no futuro: psicanálise e utopia* (2022).





Figura 1: Manoela Cavalinho. *Epigramas*, setembro de 2022. Performance-adesivagem. Ilha das Pedras Brancas (antiga Ilha do Presídio), Porto Alegre, RS. Foto: Eduardo Veras.





Figura 2: Manoela Cavalinho. *Epigramas*, setembro de 2022. Performance-adesivagem. Ilha das Pedras Brancas (antiga Ilha do Presídio), Porto Alegre, RS. Foto: Eduardo Veras.





Figura 3: Manoela Cavalinho. *Epigramas*, setembro de 2022. Performance-adesivagem. Ilha das Pedras Brancas (antiga Ilha do Presídio), Porto Alegre, RS. Foto: Eduardo Veras.





Figura 4: Manoela Cavalinho. *Epigramas*, setembro de 2022. Performance-adesivagem. Ilha das Pedras Brancas (antiga Ilha do Presídio), Porto Alegre, RS. Foto: Eduardo Veras.





Figura 5: Manoela Cavalinho. *Epigramas*, setembro de 2022. Performance-adesivagem. Ilha das Pedras Brancas (antiga Ilha do Presídio), Porto Alegre, RS. Foto: Eduardo Veras.

